

Análise da paisagem turística do distrito-sede de Porto Belo-SC através de indicadores de qualidade visual.

Paulo dos Santos Pires (UNIVALI) pires@univali.br

Resumo

A paisagem é considerada em sua relação com o turismo um elemento substancial para o desenvolvimento desta atividade, seja enquanto fator motivacional da demanda, seja enquanto categoria de estudo no campo acadêmico. A partir dessa constatação, e visando subsidiar o processo de planejamento para a qualificação turística e ambiental, o presente trabalho apresenta o resultado de uma pesquisa desenvolvida no distrito-sede do município de Porto Belo-SC, em sua etapa de identificação dos indicadores de qualidade visual da paisagem, utilizando-se de uma metodologia de avaliação classificada como independente dos usuários, indireta e por componentes, cujos indicadores de avaliação da qualidade foram a diversidade, a naturalidade, a singularidade e os detratores visuais da paisagem. Os resultados obtidos demonstram que predominou o nível de qualidade média-superior e que a diversidade visual é a principal característica da paisagem de Porto Belo, evidenciando ainda as principais singularidades e detratores visuais responsáveis por este nível de qualidade.

Palavras-chave: Planejamento turístico; Qualidade visual da paisagem; Porto Belo-SC.

1. Introdução

Com uma faixa litorânea que se estende por 561 Km desde a foz do Rio Saí-Guaçu na divisa com o Estado do Paraná até a foz do Rio Mampituba na divisa com o Estado do Rio Grande do Sul, o Estado de Santa Catarina se afirma nacional e internacionalmente como uma rota de veraneio pelas condições de seu litoral, apresentando indicadores favoráveis para a consolidação do turismo de “sol e mar”.

Nas últimas décadas o desenvolvimento turístico da faixa litorânea centro-norte do estado polarizada por Balneário Camboriú, demonstrou um dinamismo que produziu mudanças e provocou impactos também sobre os balneários vizinhos. Entretanto, o distrito-sede de Porto Belo vem mantendo ainda as suas características predominantes de ocupação original, enquanto os fluxos turísticos de massa cresceram em direção às praias localizadas nos municípios vizinhos de Bombinhas e Itapema.

Nesta localidade o Núcleo de Coordenação de Pesquisa e Projetos em Turismo e Hotelaria pertencente ao Programa de Pós-Graduação (Stricto Sensu) em Turismo e Hotelaria

localizado no Centro de Educação de Balneário Camboriú-UNIVALI, há oito anos vem realizando estudos e pesquisas voltadas para a sustentabilidade dos espaços de maior demanda turístico-recreativa, destacadamente a Ilha de Porto Belo, localizada próxima à costa e dentro da enseada da praia central do município homônimo. São trabalhos com abordagens nos campos sócio-espacial, histórico-cultural, ambiental, paisagístico e da demanda e oferta turística, correspondendo a um espectro multidisciplinar que atenda às múltiplas facetas inerentes à investigação do fenômeno turístico em sua real dimensão.

Dessa forma, o presente trabalho corresponde a uma das abordagens temáticas do projeto de pesquisa realizado pelo Núcleo de Coordenação de Pesquisa e intitulado “CARACTERIZAÇÃO DO QUADRO SÓCIO-ESPACIAL E DA PAISAGEM DO DISTRITO-SEDE DE PORTO BELO/SC, NA PERSPECTIVA DE SUA QUALIFICAÇÃO TURÍSTICA E AMBIENTAL”, financiado pelo FUNCITEC-SC e cujo relatório final foi concluído no ano de 2003. A abordagem temática em questão é exatamente a da Caracterização da Paisagem, onde uma das etapas que é a da análise dos **indicadores de qualidade visual**, será aqui apresentada na aplicação de uma metodologia própria e na obtenção de seus resultados.

2. Marco teórico-metodológico

A relação sensorial do homem com a paisagem não é só visual. Font (1992) argumenta que há uma relação global onde a paisagem, além de algo visível, é constituída de ruídos, sons, odores, temperaturas e outras impressões sensoriais repletas de conteúdo espacial e temporal. Contudo, a visão assume um papel predominante na percepção humana da paisagem. De toda a maneira, a percepção individual da paisagem é um ato criativo que é influenciada pelas próprias características fisiológicas do ser humano, pelo seu caráter e personalidade e também por suas influências sociais e culturais.

Paisagem e turismo são duas realidades intimamente relacionadas já que a motivação fundamental para a viagem turística é a necessidade de romper com a rotina. A paisagem surge então como o fator que melhor indica ao turista esta tão desejada mudança de lugar (FONT 1989, citando Pearce).

Por ser a representação física do meio ambiente a paisagem vem adquirindo cada vez mais o status de recurso básico para a atividade turística, e este caráter faz com que a paisagem seja passível de ser estudada e analisada, em especial, quanto à avaliação de sua qualidade estética cujas propriedades são as que mais interessam ao turismo, constituindo-se

em ponto de partida para as subseqüentes avaliações de sua fragilidade e aptidão (*capacidade de carga*) para suportar a atividade turística.

Jordana (1992) afirma que podem ser consideradas três dimensões conceituais para o termo “paisagem”, sendo elas a dimensão visual, a dimensão cultural e a dimensão ecológica. A dimensão estética ou visual, que é a mais primitiva e a mais intuitiva, está relacionada com os aspectos sensitivos e perceptivos do ser humano que, ao valorá-la, lança mão de um juízo de valor intrinsecamente subjetivo. Dentro desta dimensão este trabalho adota os seguintes conceitos operacionais:

- **paisagem** é a porção da superfície terrestre que pode ser apreendida visualmente (IGNÁCIO et al, 1984);
- **paisagem** é a expressão espacial e visual do ambiente. Porção do espaço observado pela visão humana. (BOMBIN, 1987).

A disposição e combinação dos elementos visuais ou categorias estéticas ou (forma, linha, cor, textura) como expressão visual objetiva de uma paisagem, associadas aos seus componentes naturais e humanos, (terra, água, vegetação, estruturas artificiais), proporcionam qualidades estéticas que podem ser avaliadas através dos seguintes indicadores (PIRES, 2001):

- **Diversidade** expressa a variedade paisagística existente num determinado espaço territorial. Assumiu-se, então, que uma paisagem variada possui mais valor que uma paisagem homogênea, por possuir partes diferenciadas com distintos componentes visuais e com ausência de monotonia;
- **Naturalidade** é expressa pela ausência ou pela insignificância de elementos ou estruturas de origem humana numa área. A naturalidade no nosso meio é representada, sobretudo, pela vegetação natural, a qual resulta de um processo interativo entre os fatores do meio físico. A vegetação, quando remanescente de formações originais com pouca ou nenhuma alteração, representa o mais alto grau de equilíbrio ecológico do ambiente em que se encontra, merecendo, desta forma, uma elevada valorização pelo aspecto de naturalidade que empresta à paisagem.
- **Singularidade** que se caracteriza pela existência de ocorrências de origem natural (feições geomorfológicas, elementos vegetais, espécies animais, sítios paleontológicos), ou manifestações de origem humana (sítios arqueológicos, usos do solo), assim como elementos visuais, cuja unicidade, unidade, raridade, antigüidade, grandiosidade, excepcionalidade, beleza, amplitude visual, interesse histórico e outras características notáveis que as tornam singulares.

- **Detratores** são resultantes de atividades humanas que imprimem um aspecto de “artificialização” e distanciamento das condições naturais da paisagem e, muitas vezes, de sua degradação visual e ambiental, diminuindo, portanto, a qualidade visual da paisagem. Processos naturais tais como atividades vulcânicas, erosão, sedimentação, maremotos, tufões, entre outros, também atuam na detração da qualidade visual, e muitas vezes tem seus efeitos negativos potencializados pelas próprias atividades humanas. No entanto, serão aqui consideradas apenas as atividades humanas, propriamente ditas, como agentes potenciais de detração paisagística. Deve-se considerar que quando se tratarem de atividades humanas que proporcionam aumento da qualidade visual de uma paisagem, estas serão consideradas ao nível de **diversidade** e de **singularidade**.

2.1 Enquadramento metodológico

A diversidade de abordagens e enfoques para o estudo da paisagem, deu origem a múltiplos métodos de avaliação que podem ser classificados em função dos critérios utilizados, dos sistemas de medidas, da participação ou não do público, entre outros métodos. Neste sentido, a metodologia desenvolvida neste trabalho para a análise da paisagem do distrito-sede de Porto Belo através dos indicadores de qualidade visual tem o seu referencial inserido no campo de conhecimento dos “estudos da paisagem” sobretudo da escola anglo-americana, podendo ser enquadrada como um método de avaliação da paisagem independente dos usuários (BERNÁLDEZ, 1981); como um método indireto de avaliação da qualidade visual (IGNÁCIO y col., 1984); e, também, como um método de avaliação da paisagem por componentes (CERRO, 1993).

2.2 Procedimentos Metodológicos

Para a coleta a campo dos dados necessários à análise e avaliação da qualidade visual da paisagem foi elaborada a Planilha de Identificação dos Indicadores de Qualidade Visual cujo modelo, apresentado a seguir, está estruturado em um cabeçalho contendo, entre outros, os campos para preenchimento das informações de controle como **Ponto de Observação**, **Coordenadas**, **Cena Observada** e **nº das fotografias obtidas**. Após o cabeçalho seguem-se os campos relativos aos Indicadores de Qualidade Visual, a saber, **DIVERSIDADE**, **NATURALIDADE**, **SINGULARIDADES** e **DETRATORES**. Ao final, aparece o campo correspondente à **Grade Final de Avaliação da Qualidade Visual da Paisagem** completado com um espaço para o registro do **Resultado Final**.

Responsável:

Local/Data:

Ponto de Observação nº ____	Cena Observada _____	Foto nº ____
-----------------------------	----------------------	--------------

Coordenadas:

- DIVERSIDADE VISUAL

COMPONENTES	ELEMENTOS VISUAIS (propriedades visuais)	NÍVEL DE DESTAQUE			
		GRANDE (PESO 6)	MODERADO (PESO 3)	POUCO (PESO 1)	NENHUM (PESO 0)
RELEVO	Forma/Volume				
	Linha				
VEGETAÇÃO	Textura				
	Cor/Tonalidade				
	Forma				
ÁGUA	Cor/Tonalidade				
	Linha/Forma				
ATIVIDADES HUMANAS	Forma				
	Cor				
	Linha				
SUB-TOTAL (Nº DE OCORRÊNCIA X PESO)					
ESCALA DE CLASSIFICAÇÃO	DE 31 A 60 – Alta Diversidade	CLASSIFICAÇÃO			
	DE 11 A 30 – Média Diversidade				
	ATÉ 10 – Baixa Diversidade				

- NATURALIDADE

GRADIENTE DE MODIFICAÇÃO DA PAISAGEM NATURAL	CLASSIFICAÇÃO
1. Paisagem natural sem alterações visíveis. 2. Paisagem natural pouco alterada.	NATURALIDADE SUPERIOR (S)
3. Paisagem predominantemente natural com alterações pequenas a moderadas.	NATURALIDADE MÉDIA-SUPERIOR (MS)
4. Paisagem tipicamente rural (campestre, cultivada, colonial). 5. Paisagem urbana/peri-urbana com entorno predominantemente natural.	NATURALIDADE (M)
6. Paisagem peri-urbana misturada com elementos da paisagem rural. 7. Paisagem urbana/peri-urbana com presença de elementos naturais em seu entorno. 8. Paisagem urbana com expressiva presença de áreas verdes (arborização de rua, bosques, parques/praças).	NATURALIDADE MÉDIA-INFERIOR (MI)
9. Paisagem urbana com poucos elementos naturais ou áreas verdes.	NATURALIDADE INFERIOR (I)

- SINGULARIDADE

Critérios de Identificação:

- Presença na paisagem de componentes e/ou suas propriedades visuais com atributos tais como unicidade, raridade, grandiosidade, excepcional beleza.
- Grande amplitude visual (paisagem extremamente panorâmica).
- Ocorrência de fenômenos atmosféricos notáveis tais como nascer e pôr do sol, arco-íris, nuvens e nebulosidade, neve, geada.
- Presença de fauna.
- Paisagem natural sem alterações.
- Presença na paisagem de ocorrências ou aspectos ecológicos, geográficos ou ambientais de relevância educativa ou científica.
- Ocorrência de interesse histórico ou cultural que possuam expressão visual.

Critérios de classificação:

- Grande potencial de atratividade turística em nível nacional e internacional (Gr)
- Razoável potencial de atratividade turística em nível estadual a sub-nacional (Rz)
- Limitado potencial de atratividade turística em nível sub-estadual (regional) (Lm)

• DETRATORES

- Pequena intrusão (PI)
- Conjunto de pequenas intrusões (Cj-PI)
- Média intrusão (MI)
- Conjunto de médias intrusões (Cj-MI)
- Grande intrusão (GI)
- Conjunto de grandes intrusões (Cj-GI)

• GRADE FINAL DE AVALIAÇÃO DA QUALIDADE VISUAL DA PAISAGEM

CLASSE DE QUALIDADE VISUAL	PARÂMETROS DE ENQUADRAMENTO
QUALIDADE VISUAL SUPERIOR (S)	A) Níveis superiores de diversidade e de naturalidade B) Com singularidade grande a razoável A) Ausência de detratores ou, no máximo, pequeno detratador
QUALIDADE VISUAL MÉDIA-SUPERIOR (MS)	A) Nível superior de diversidade e médio-superior de naturalidade B) Com singularidade limitada a razoável C) Ausência de detratores ou, no máximo, pequenos detratores
	A) Níveis médios de diversidade e de naturalidade

QUALIDADE VIAUAL MÉDIA (M)	B) Ausência de singularidades C) Presença de pequenos a médios detratores
QUALIDADE VISUAL MÉDIA-INFERIOR (MI)	A) Média diversidade B) Naturalidade média-inferior C) Ausência de singularidade D) Presença de médio(s) detrator(es)
QUALIDADE VISUAL INFERIOR (I)	A) Níveis inferiores de singularidade e de naturalidade B) Sem singularidade C) Presença de médio(s) e grande(s) detrator(es)

OBS: Se as classificações dadas pelos indicadores não coincidirem totalmente com a seqüência de parâmetros estabelecidos para cada classe de qualidade visual, decidir pela classe de maior número de ocorrências. Se mesmo assim houver um empate, optar de acordo com juízo de valor obtido por consenso no grupo.

RESULTADO: Qualidade Visual _____

Os critérios para a definição dos **pontos de observação** foram os seguintes:

- Pontos proeminentes da paisagem (mirantes naturais ou construídos, pontos de estradas com vistas panorâmica);
- Locais preferenciais ou potenciais de concentração dos turistas e usuários da paisagem;
- Os próprios locais onde estão os atrativos turísticos, desde que permitam vistas abertas ou panorâmicas.

Dessa forma na presente pesquisa foram adotados os pontos de observação da paisagem a seguir relacionados, considerando que os mesmos são qualitativamente representativos e suficientes para permitir a análise aqui pretendida, embora possam ser ampliados quantitativamente em futuras pesquisas.

PTO. DE OBSERVAÇÃO	COORDENADAS	VISTAS OBSERVADAS
01	27°09'23"S 48°33'07"W	Parte de Meia Praia e Itapema no plano de fundo, Ilha de Porto Belo e Oceano, Costeira do Araçá e região do Iate Clube, fachada da praia.
02	27°09'28"S 48°32'55"W	Toda a orla da Enseada de Porto Belo e a orla de Meia Praia e Itapema. Ilha de Porto Belo, Centro da Cidade e cadeia de morros ao fundo.
03	27°09'14"S 48°32'39"W	Parte de Meia Praia e Itapema no plano de fundo, Ilha de Porto Belo e Oceano, Costeira do Araçá e região do Iate Clube, fachada da praia.
04	A= 27°09'14" S 48°32'31" W B= 27°09'12"S	Praça central no primeiro plano e ao fundo a fachada e contorno dos prédios no entorno da reserva com presença dos morros ao fundo em algumas áreas.

	48°32'30"W C = 27°09'12"S 48°32'32"W D = 27°09'13"S 48°32'32"W	
05	27°09'07"S 48°32'33"W	Parte de Meia Praia e Itapema no plano de fundo, Ilha de Porto Belo e Oceano, Costeira do Araçá e região do Iate Clube, fachada da praia.
06	27°08'56"S 48°32'09"W	Área do Iate Clube e da Fábrica de pescados, Ilha, Faixa de Praia e Orla de Porto Belo, Meia Praia no plano de fundo.
07	27°08'32"S 48°31'35"W	Região do Iate Clube no segundo plano, enseada de Porto Belo e cadeias de morros ao fundo da cidade.
08	27°08'17"S 48°31'23"W	Enseada e Centro de Porto Belo. No plano de fundo, cadeira de morros.
09	27°08'40"S 48°32'08"W	Orla de Porto Belo e faixa da praia.
10	27°08'27"S 48°32'30"W	Centro de Porto Belo e Região do Iate Clube com cadeia de morros ao fundo. Parte da costeira do Araçá.
11	27°08'33"S 48°32'37"W	Parte de Meia Praia e Itapema no plano de fundo, Ilha de Porto Belo e Oceano, Costeira do Araçá e região do Iate Clube, fachada da praia.

Quadro do posicionamento dos pontos de observação e identificação das vistas observadas

As **coordenadas geográficas** (Latitude e Longitude) em cada ponto de observação para fins de monitoramentos futuros, foram obtidas com a utilização de GPS 1(Sistema de Posicionamento Geográfico) 12 XL da marca Garmin.

Para a **determinação das cenas** a serem observadas no processo de análise da paisagem e seu correspondente registro fotográfico, foram considerados os seguintes critérios:

- A máxima angulação horizontal permitida diante das vistas abertas ao observador, em alguns casos podendo chegar a 360°. Neste caso, a câmera perfaz um giro seqüencial sobre seu eixo horizontal de forma a compor um mosaico contínuo, e minimamente sobreposto, de registros fotográficos das cenas que se apresentam ao observador;
- O interesse por pontos focais ou dominantes contidos na cena proporcionada a partir do ponto de observação;
- Coerência e racionalidade na determinação de cenas a observar, considerando a configuração espacial e a localização dos pontos de observação, além do interesse turístico.

Para os **registros fotográficos** o posicionamento da câmara fotográfica deu-se sobre um tripé na altura constante de 1,17 mts para todos os pontos de observação e sem a utilização do recurso de zoom. O equipamento utilizado foi uma câmara digital da marca Sony modelo DSC-P71 Cyber-shot.

O procedimento de análise da qualidade visual da paisagem para cada um dos indicadores adotados, considerou toda a extensão das vistas observadas unificando, portanto, o quadro geral das vistas acessíveis ao observador em uma única avaliação, tendo em conta que a experiência visual do observador é exatamente o resultado do conjunto das vistas observadas onde se agregam todos os seus componentes e elementos visuais constituintes.

3. Resultados e análise

A análise da paisagem do Distrito Sede de Porto Belo a partir dos pontos de observação considerados e das vistas observadas, está estruturada no quadros síntese de classificação da qualidade visual da paisagem nos pontos de observação e no quadro geral de análise visual da paisagem a seguir apresentados.

PONTO DE OBSERVAÇÃO	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
NÍVEL DE QUALIDADE VISUAL	MS	MS	MS	M	MS	MS	MI	MS	MS	MS	MS

Quadro de classificação da qualidade visual da paisagem nos pontos de observação

MS – Qualidade Visual Média-Superior

M – Qualidade Visual Média

MI – Qualidade Visual Média-Inferior

ANÁLISE DA QUALIDADE VISUAL DA PAISAGEM						
PONTO DE OBSERVAÇÃO		INDICADORES CONSIDERADOS				
Nº	LOCAL	DIVERSIDADE	NATURALIDADE	SINGULARIDADE	DETRATORES	QUALIDADE VISUAL
1	1º Trapiche (Camping)	ALTA	S/M	Lm (2)	GI (2), CjPI (3)	MS
2	Terraço do Hotel Morro do Sol	ALTA	S/MS/MI	Gr; Rz	GI (2), CjPI (2), MI, PI	MS
3	Trapiche dos Pescadores (Jambolão)	ALTA	S/MI	Rz	MI, GI, PI (3)	MS
4	Praça Central	MÉDIA	MI	-	-	M
5	Praia ao lado da Quadra de Esportes	ALTA	S/MI	Rz; Lm (2)	GI (3), PI, CjPI, MI	MS
6	Praia do Embarque de Jet Skis	ALTA	S/MI	Rz; Lm	GI, CjPI, MI	MS
7	Estrada de acesso à Bombinhas na altura da Oceânica	ALTA	MI	Lm	MI (2), GI,	MI
8	Estrada de acesso à Bombinhas no alto do morro	ALTA	MI	Lm (2)	GI, CjPI, PI	MS
9	Orla da Enseada e Ilha de Porto Belo	ALTA	S/MI	Rz; Lm (2)	GI, MI (2), PI, CjPI	MS
10	Ilha de Porto Belo (Prainha)	ALTA	MI	Lm (3)	GI, MI (2)	MS
11	Ilha de Porto Belo (Praia do Trapiche, próximo do mastro).	ALTA	MI	Lm (3)	GI, MI (2), PI	MS

Quadro geral da análise da qualidade visual da paisagem

Os resultados obtidos, em seu conjunto, permitem constatar que predominou o nível de qualidade visual MÉDIA-SUPERIOR em 9 dos 11 pontos de observação, ou seja, em 81,8% desses pontos. Em alguns pontos de observação com classificação MÉDIA-SUPERIOR, não fosse a ocorrência de detratores de grande intrusão visual (no caso, o grande desmante de encosta associado à edificação no local e os galpões de marinas e da fábrica), a classificação da qualidade visual da paisagem teria sido SUPERIOR. Esta posição decorre do juízo deste avaliador em considerar que por mais pontuada que uma paisagem possa ter sido devido aos aspectos positivos, a presença simultânea de intrusões visuais de grande magnitude para as condições espaciais e visuais do ambiente em análise, justifica a exclusão da mesma dessa classificação.

O indicador de qualidade visual DIVERSIDADE manteve-se com níveis elevados em todos os pontos de observação, demonstrando que em Porto Belo a paisagem é caracterizada pela variedade de formas topográficas (relevo, declividades) e de elementos de superfície (água, vegetação, atividades humanas), cada qual expressando variados níveis de destaque de suas propriedades visuais forma, linha, cor, tonalidade e texturas.

As singularidades que contribuíram para a elevação da qualidade visual da paisagem, por ordem de importância foram as seguintes: Ilha de Porto Belo; panorâmica do centro da cidade e do contorno de toda a enseada, com a Ilha de Porto Belo ao centro; espelho d'água da enseada com embarcações de pesca e de lazer, vista dos morros ao fundo da cidade; vista da fachada da igreja e de casas antigas no centro da cidade.

As intrusões que mais contribuíram para a detração da qualidade visual da paisagem foram, por ordem de magnitude, os seguintes: grande desmante de encosta associado à edificação no local; galpões de marinas e da fábrica de pescados; construções nas encostas elevadas dos morros; caminhos e escavações localizadas nas encostas dos morros; linha de urbanização avançada sobre a faixa de areia descaracterizando o seu contorno natural; e clareiras de desmatamento localizadas nos morros.

Tendo em vista os resultados obtidos e a sua análise, conclui-se que a DIVERSIDADE visual é a principal característica da paisagem de Porto Belo, devido à participação simultânea nas cenas observadas de todos os seus componentes básicos (relevo, água, vegetação, atividades humanas) e suas respectivas propriedades visuais.

No entanto esta é, em tese, uma característica comum a outras regiões do litoral de Santa Catarina, em especial a suas porções centro e centro-norte entre os municípios de Garopaba e

Penha, fazendo com que todos eles concorram em condições de igualdade com este apelo paisagístico diante da demanda turística.

O que marca o diferencial de qualidade da paisagem, neste caso, são as SINGULARIDADES pelo aspecto positivo e os DETRATORES pelo aspecto negativo. Por isso, a municipalidade de Porto Belo deverá agir no sentido de garantir as condições para que as suas singularidades da paisagem continuem a expressar esta condição e, ao mesmo tempo, atuar no sentido de recuperar ou mitigar os efeitos negativos das intrusões visuais já estabelecidas e impedir que novas intrusões com o mesmo caráter venham a se estabelecer sobre a paisagem.

A área central de Porto Belo, vale dizer o seu distrito-sede, possui um entorno paisagístico natural muito expressivo, seja pela presença do recorte sinuoso da linha de costa e do seu espelho d'água, seja pela presença da cadeia de morros disposta ao fundo e nas extremidades da cidade, estabelecendo uma contenção visual muito definida (bacia visual) e atribuindo grande fragilidade visual ao local, no sentido de que qualquer atividade humana que ali vier a se estabelecer, tenderá a ter grande repercussão paisagística.

Finalmente, a Ilha de Porto Belo apresenta-se como destaque central na paisagem natural de Porto Belo, seja pela sua configuração topográfica, seja pela expressiva cobertura vegetal natural (embora não primária), seja pelo efeito de escala dado pela sua proximidade da linha de costa, tornando-a também um componente dominante na paisagem a partir de vários pontos de observação.

Recomenda-se, que para uma próxima etapa de avaliação da paisagem, a análise seja feita considerada cada uma das vistas observadas para cada ponto de observação e não o conjunto das vistas observadas em cada ponto de observação como o procedido na presente etapa. Isso fará com que a avaliação se torne mais específica e representativa de cada setor da paisagem, separando e destacando melhor tanto os aspectos negativos da paisagem (detratores) como os positivos (singularidades, naturalidade, etc.)

As singularidades visuais da paisagem de Porto Belo foram as seguintes: vista da ilha de porto belo; vista do espelho d'água da enseada com embarcações de pesca e de lazer; vista panorâmica do centro da cidade e contorno da enseada com destaque para a ilha de porto belo; vista dos morros ao fundo da cidade; vista da fachada da igreja senhor Bom Jesus dos Aflitos e casas antigas no centro da cidade;

Os detratores da qualidade visual da paisagem de porto belo foram os seguintes: galpões (fábrica e marinas); desmonte de morro (escavação e terraplenagem no morro localizado nas proximidades da Ponta dos Vieiras, com edificação no local); caminhos e escavações localizados nas encostas de morros; clareiras localizadas em meio á vegetação arbórea das encostas; linha de urbanização sobre a faixa de areia da praia; molhe de pedras na desembocadura do Rio Rebelo; avanço localizado da urbanização periférica sobre as encostas de morros; postes com fiação aérea em trechos da orla; *out-door* junto à encosta de morro; construções nas encostas dos morros; vista parcial de grande cobertura metálica (ginásio de esportes)

3.1 Imagens selecionadas da paisagem de Porto Belo



Cena do centro de Porto Belo a partir do ponto de observação nº 10. (Foto: Paulo S. Pires - Ago/03)



Cena da região do Iate Clube e início da costeira do Araçá a partir do ponto de observação nº 11. (Foto: Paulo S. Pires - Ago/03)



Cena parcial do centro de Porto Belo a partir do ponto de observação nº 11. (Foto: Paulo S. Pires - Ago/03)



Cena parcial do centro de Porto Belo a partir do ponto de observação nº 8 (Foto: Paulo S. Pires - Ago/03)



Cena da orla de Porto Belo na região de acesso a Bombinhas a partir do ponto de observação nº 9 (Foto: Paulo S. Pires - Ago/03)



Cena da Ilha de Porto Belo e parte da Costeira do Araçá a partir do ponto de observação nº 1 (Foto: Paulo S. Pires - Ago/03)



Cena da Praça Central de Porto Belo a partir do ponto de observação nº 4 (Foto: Paulo S. Pires - Ago/03)



Cena da orla e praia de Porto Belo a partir do ponto de observação n° 5 (Foto: Paulo S. Pires - Ago/03)



Cena panorâmica da Ilha de Porto Belo a partir do ponto de observação n° 2 (Foto: Paulo S. Pires - Ago/03)



Cena panorâmica do centro de Porto Belo e Costeira do Araçá ao fundo a partir do ponto de observação nº 2 (Foto: Paulo S. Pires - Ago/03)

4. Considerações finais

O distrito-sede de Porto Belo possui um entorno paisagístico natural muito expressivo, seja pela presença do recorte sinuoso da linha de costa e do seu espelho d'água, seja pela presença da cadeia de morros disposta ao fundo e nas extremidades da cidade, estabelecendo uma contenção visual muito definida (bacia visual) e atribuindo grande fragilidade visual ao local, no sentido de que qualquer atividade humana que ali vier a se estabelecer, tenderá a ter grande repercussão paisagística.

A Ilha de Porto Belo apresenta-se como destaque central na paisagem natural de Porto Belo, seja pela sua configuração topográfica, seja pela expressiva cobertura vegetal natural (embora não primária), seja pelo efeito de escala dado pela sua proximidade da linha de costa, tornando-a também um componente dominante na paisagem a partir de vários pontos de observação.

Recomenda-se, que para uma próxima etapa de avaliação da paisagem, a análise seja feita considerando cada uma das vistas observadas para cada ponto de observação e não o conjunto das vistas observadas em cada ponto de observação como o procedido na presente etapa. Isso fará com que a avaliação se torne mais específica e representativa de cada setor da paisagem, separando e destacando melhor tanto os aspectos negativos da paisagem (detratores) como os positivos (singularidades, naturalidade, etc.)

5. Bibliografía citada

BERNALDEZ, F.G. **Ecología y paisaje**. Madrid: H.Blume Ediciones,1981.

BOMBIN, E.M.M. **El paisaje**. Madrid: MOPU, 1987.

CERRO, F.L. **Técnicas de evaluación del potencial turístico**. Madrid: MCYT. Serie Libros Turísticos. 1993.

FONT, J.N. Paisaje y turismo. **Estudios Turísticos**. n. 103. Madrid: 1989.

FONT, J.N. **Turismo, percepción del paisaje y planificación del territorio**. Estudios Turísticos. n. 115. Madrid: 1992.

IGNACIO,C.F. et alii. **Guia para elaboracion de estudios del medio físico: contenido y metodología**. Madrid: CEOTMA (Serie manuales 3) 2ª ed. 1984.

JORDANA, J.C.C. **Curso de introducion al paisaje: metodologias de valoracion**. España: Universidad de Cantábria, 1992.

PIRES, P.S. O potencial turístico dos recursos naturais. In: Suporte teórico para a disciplina Bases Ecológicas e Ambientalistas do Turismo. **Apostila**. Balneário Camboriú: Curso de Mestrado em Turismo e Hotelaria. CEBC. UNIVALI . 2001. Tópico 2. 41p.